

Tira-Olhos: a associação que revela a passagem do tempo através da fotografia

O projecto arrancou devido à determinação de três ex-colegas, todos ligados à prática dos processos fotográficos ditos “alternativos”. Sofia Silva, Paula Lourenço e Alexandre de Magalhães cruzaram-se na Licenciatura em Fotografia do Instituto Politécnico de Tomar. A necessidade comum de encontrar um espaço para criar, sem as limitações do enquadramento académico, fez nascer a [Tira-Olhos](#). Neste lugar, fotografar é, acima de tudo, uma arte do tempo.

Quem passa na Rua Jacinto Nunes, na freguesia lisboeta da Penha de França, dificilmente adivinha as dinâmicas escondidas atrás da pequena montra do número 8B. Nesta rua de passagem, muitos são os curiosos que não resistem a espreitar para dentro do espaço com a intenção de deslindar as estranhas actividades que ali se desenvolvem. O passeio é estreito e a vitrina dá nas vistas pela quantidade de folhas de papel, em tamanhos variados, dispostas lado a lado. Todas exibem imagens diferentes, umas apenas expostas à luz solar, outras em processo de secagem. Os que olham através do vidro, ficam ainda mais confusos pelo amontoado de objectos, sem relação aparente entre si, que se encontram espalhados pelas prateleiras e pelas mesas. Só os cartazes colados na porta dão uma pista para o que se faz naquele sítio. Impressa num papel espesso e rugoso, vemos o desenho de uma libelinha colorida. Logo abaixo, pode ler-se: “Associação de fotografia experimental”.

Sofia Silva, co-fundadora da associação, explica: “A Tira-Olhos é um espaço dedicado à fotografia experimental. Serve de atelier e laboratório, mas é também um local de encontro e partilha de diversas formas de fazer e saber que se cruzam nesta ideia de uma fotografia que está sempre em curso, sempre em transformação”. Em conjunto com Alexandre de Magalhães e Paula Lourenço, abriu estas portas em Julho de 2019 com o objectivo de “promover, disseminar e ensinar técnicas experimentais e artesanais ligadas à expressão fotográfica”. Procuram desenvolver um trabalho de proximidade, fazendo deste um local de passagem habitual para um grupo de experimentalistas com ligação a uma fotografia “lenta, experimental e sem-câmara”, acrescenta.

O nome tem origem na libélula, animal também chamado de “tira-olhos” em meios mais rurais. Nasceu de uma “relação afectiva com um membro ‘fantasma’”. É um mecenas, sem o qual não teria sido possível fazer nada disto”, esclarece Sofia.

Afoitando-nos porta adentro, um odor particular a químicos fotográficos faz-se sentir. Por entre frascos, pedaços de tecido, amostras de papel e muitas molduras de vários tamanhos, estão instrumentos de precisão como réguas, esquadros, transferidores e balanças. Há também um sem número de exemplares de plantas secas e algumas outras penduradas a secar. O que salta à vista é a mistura improvável de artefactos. “Fazemos por respigar em consonância com o que a natureza coloca ao nosso dispor, respeitando os seus ritmos”, explica Sofia. Neste “modo de fazer imagens” tudo pode servir esta procura. O que interessa é a “relação entre os objectos e os processos escolhidos para os revelar”, diz. É em torno desta relação orgânica, entre a fotografia, a atitude experimental e os objectos, que vivem as actividades da Tira-Olhos. À vista desarmada, o próprio espaço parece confirmá-lo.

“Alquimias” seculares

Hoje, domingo de manhã, assistimos à “Oficina de Carvão”, com o Alexandre. Neste *workshop* recupera-se uma técnica fotográfica com mais de século e meio de existência e que se tornou popular durante a segunda metade do século XIX. Neste processo de impressão, não é utilizada a prata, como na fotografia dita “tradicional”. A imagem é formada pelo pigmento disperso numa gelatina impregnada de sais de crómio, que é sensível à luz. Este preparado gelatinoso endurece e mantém o pigmento agarrado nas zonas que são expostas à luz solar. Nas zonas não expostas, a gelatina permanece amolecida e desfaz-se em água. É deste binómio que nasce a imagem. O pó de carvão foi o primeiro pigmento utilizado – daqui deriva o nome: *carbon print* - mas pode ser utilizado qualquer outro. A sua grande vantagem é a permanência das provas, que não desvanecem nem alteram a sua cor, mesmo em condições adversas.

Olhando com mais atenção, observamos uma série de rectângulos de papel pintados de negro que secam junto à janela. Antes de dar início à oficina, Alexandre aponta para eles e explica: “Isto é um pouco como os programas de culinária, as folhas foram previamente preparadas. Levam tempo a secar e nós aqui só temos um dia”. À medida que coloca alguns instrumentos em cima da mesa, vai conversando com os três participantes, que seguem atentamente os seus gestos.

António, Livia e Joaquim empunham as canetas e abrem os blocos de apontamentos, preparando-se para tomar notas. “Vim aprender os processos que me faltam”, diz António. É professor no curso de fotografia na Ar.co – Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa. “Mais do que trabalho, isto para mim é terapia”, remata.

Todos os passos são realizados com um elevado grau de precisão. Ao mesmo tempo que inicia a demonstração, Alexandre despeja um líquido num frasco graduado, medindo o composto com atenção. Sem nunca desviar os olhos da tarefa, explica: “Nas oficinas, tento sempre mostrar às pessoas uma forma de fazer que consigam facilmente replicar em casa. Nesta técnica, não é preciso ter um laboratório”. Alterna as medições com a escrita num quadro branco, pendurado na parede, adicionando elementos à “receita” :

“200ml h2O destilada;

200 g de gelatina;

12,5 g de açúcar branco;

5g pigmento (*lamp black*);

Álcool isopropílico”.

Lívia graceja: “Aqui parece simples, mas quando chego a casa dá tudo errado.”

É desenhista no Brasil e veio para Portugal em 2019. Está a fazer sua tese de doutoramento na Faculdade de Belas Artes, em Lisboa. Procura o que há de desenho no processo fotográfico. “Comecei a buscar estes processos, mesmo assim, na prática, para ver o que eu consigo achar de gesto, de sentimento, neste universo”, esclarece. “Voltando atrás na História, é incrível perceber que está tudo ali na luz e na sombra”.

Alexandre mexe cuidadosamente uma mistura negra com a vareta, que serve também de termómetro. Explica detalhes adicionais como a temperatura ou a humidade do ar: “Não é igual fazer este processo em Portugal ou nos trópicos. Os níveis de humidade têm muita influência no resultado”.

A conversa avança em compasso com a demonstração. “Levantei-me às 6h30 da manhã para estar aqui a horas. Não foi fácil”, diz Joaquim a sorrir. Veio do Porto de propósito para aprender esta técnica. “O ideal seria fazerem uma semana seguida com estes *workshops*. Assim conseguia ficar cá e fazer vários seguidos. No Porto tenho mais dificuldade em encontrar esta oferta e gostava de aprender muito mais acerca disto”. É professor e comenta que gosta é de dar aulas a crianças porque “a partir de certa altura, os adultos já não fazem perguntas. É essa curiosidade que adoro nos miúdos”. Diz que sempre que tem possibilidade leva os alunos para o laboratório de fotografia. “Andam sempre à procura do *display*, não pensam em negativos”, acrescenta. “Cada passo que damos (no laboratório), perguntam: ‘E agora?’. Eu digo: ‘Calma que ainda demora. Isto partindo do pressuposto que puseste o rolo bem”. A gargalhada é geral.

“Ainda me lembro de os *slides* das férias demorarem três meses. Iam para a Suíça e voltavam”, acrescenta António na sua qualidade de mais velho do grupo. “Depois do jantar montávamos o projecto e víamos em família. Era um momento mágico!”

Mesmo para os que não nasceram na chamada “era digital”, a maioria dos processos fotográficos que aqui se praticam são completamente desconhecidos. Já albergaram oficinas de cianotipia, de antotipia, de quimigrama ou papel salgado. Chegam mesmo a construir câmaras digitais artesanais a partir de velhos *scanners*. O incentivo é sempre a troca de conhecimentos e de novas aprendizagens. Sem nunca faltar a oferta, os denominadores comuns são a curiosidade e o experimentalismo.

Outros voos das “libelinhas”

Em Setembro de 2021, organizaram a “[LESMA – Festival de Fotografia Lenta](#)” que “ocupou” durante três dias a cooperativa “[A Padaria do Povo](#)”, em Campo de Ourique. Houve lugar para exposições, instalações e *site specific works*. Acolheram igualmente uma feira, um ciclo de conversas e um conjunto de oficinas com demonstrações. Tudo aberto ao público e de forma gratuita.

O mais recente projecto foi a [Celeuma](#), uma residência criativa que reuniu 13 participantes numa casa situada na zona Oeste, entre São Martinho do Porto e Alcobaça. Esta iniciativa terá uma segunda edição, entre 18 de Setembro e 20 de Novembro de 2022. A convocatória abrirá de 4 a 18 de Julho e o [regulamento](#) já se encontra disponível.

Colaboram igualmente com uma série de outras associações com interesses em comum. Neste rol, podemos encontrar o [Centro de Inovação da Mouraria](#), a [Walking Camera Project](#) ou a [Oficina do Cego](#), coletividade que se dedica à divulgação e promoção de artes gráficas em meio artesanal. O contacto com esta última “foi decisivo para avançar com a Tira-Olhos”, diz Sofia. “Fazer o curso de auto-edição com eles foi um ‘abre-olhos’. Uma espécie de ‘se é para avançar, é agora’, e a relação cúmplice com eles mantém-se até hoje”.

A Tira-Olhos financia-se, em grande parte, com base nos projectos que ali são desenvolvidos. Estes têm sido suficientes para fazer face à renda e à manutenção do espaço, bem como ao investimento nos materiais e consumíveis. No entanto, todos os membros se sustentam através de outros trabalhos que têm fora da associação. “De momento não é de todo possível viver disto. Toda a receita é para manter o espaço e ter condições (físicas e materiais) para produzir”, explica Sofia. “Uns meses são mais duros do que outros, mas também nos permite ter períodos com uma actividade mais concentrada em pagar as contas e outros em que podemos curtir o espaço para produzir as nossas coisas”.

O crescimento do processo de gentrificação e o avizinhar de um contexto económico-social mais pessimista, prevêem a existência de mais dificuldades na sobrevivência deste tipo de espaços,

ditos “alternativos” e de baixo orçamento (veja-se o caso da [Oficina do Cego](#)). “As pessoas deslocam-se para vir passar os dias connosco, mas vemos os constrangimentos financeiros a apertar e isso causa mais incertezas quanto à programação. Quanto mais difícil fica a gestão das contas correntes, mais apertado fica o tempo para curtir o espaço e criar”, comenta Sofia.

Em relação ao futuro, mostra-se pragmática: “Só posso falar por mim: para mim o futuro é já amanhã e o desejo é poder dedicar-me cada vez mais à Tira-Olhos e menos ao trabalho académico, pelo que estou sempre a trabalhar para isso”.

Apesar dos obstáculos, a Tira-Olhos vai somando participações e iniciativas. Desde que não falte o interesse e vontade de experimentar, a associação conquista cada vez mais seguidores e vai adicionando curiosos ao seu conjunto de “libelinhas”.